



A PERCEPÇÃO DE CORPO DE ADOLESCENTES EM UMA ESCOLA PRIVADA EM SANTARÉM-PA: corporeidade em cena

Franciellen Tapajós Ribeiro¹

Hergos Ritor Fróes de Couto²

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender as percepções de corpo de estudantes do Ensino Médio de uma instituição educacional privada em Santarém-PA e sua relação com a abordagem da corporeidade nas aulas de Educação Física no contexto educacional amazônico. A elaboração dos dados ocorreu por meio de uma entrevista com três perguntas geradoras realizada com dois estudantes, a análise se deu a partir da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado proposta por Moreira, Simões e Porto (2005). Os resultados inferiram percepções atribuídas pelos participantes da pesquisa que ainda permanecem arroladas à visão instrumental, maquínica e fragmentada de corpo na disciplina de Educação Física escolar e na fase da adolescência. Em contraposição, alguns relatos dos sujeitos apresentaram indícios de novas formas de ser e estar no mundo, abrindo caminho para a reflexão de corpo pautada na corporeidade. Diante de tal constatação acerca do corpo para os estudantes, variando entre percepções baseadas em corpo-objeto e corpo-sujeito, defende-se que a corporeidade se apresenta como possibilidade em processos educativos, respeitando a maneira como o ser humano aprende, sente, vive e age, relacionando-se consigo mesmo, com os outros, com o mundo e com seu entorno.

Palavras-chave: Educação. Corporeidade. Educação Física escolar.

THE PERCEPTION OF THE BODY OF ADOLESCENTS IN A PRIVATE SCHOOL IN SANTARÉM-PA: corporeity on stage

ABSTRACT

This work aimed to understand the perceptions of body of high school students of a private educational institution in Santarém-PA and its relationship with the approach of corporeity in Physical Education classes in the amazonic educational context. The data elaboration occurred through an interview with three generating questions held with two students, and the analysis was based on the Technique of Elaboration and Analysis of Meaning Units proposed by Moreira, Simões and Porto (2005). The results

¹ Mestra em Educação, Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA); Docente na Universidade Paulista – Santarém-Pará-Brasil; GEPCORPAMA. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-6533-0364>. E-mail: ellen_fsouzat@hotmail.com.

² Pós-doutor em Desporto, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto/Portugal (FADEUP); Docente da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)- Brasil; Líder do GEPCORPAMA. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0101-4012>. E-mail: hergos@hotmail.com.

inferred perceptions attributed by the research participants that still remain linked to the instrumental, machinic and fragmented vision of the body in the discipline of school Physical Education and in the adolescence phase. On the other hand, some subjects' reports presented indications of new ways of being and being in the world, opening the way for a reflection on the body based on corporeality. In view of such findings about the body for the students, varying between perceptions based on body-object and body-subject, it is argued that the corporeity presents itself as a possibility in educational processes, respecting the way the human being learns, feels, lives and acts, relating with himself, with others, with the world and with its surroundings.

Keywords: Education. Corporeity. School Physical Education.

LA PERCEPCIÓN DEL CUERPO DE LOS ADOLESCENTES EN UN COLEGIO PRIVADO DE SANTARÉM-PA: la corporeidad en escena

RESUMEN

Este trabajo tuvo como objetivo comprender las percepciones del cuerpo de los estudiantes de secundaria de una institución educativa privada en Santarém-PA y su relación con el enfoque de la corporeidad en las clases de Educación Física en el contexto educativo amazónico. La preparación de los datos ocurrió a través de una entrevista con tres preguntas generadoras realizada a dos estudiantes, el análisis se realizó a partir de la Técnica de Elaboración y Análisis de Unidades de Significado propuesta por Moreira, Simões y Porto (2005). Los resultados infirieron percepciones atribuidas por los participantes de la investigación que aún permanecen vinculadas a la visión instrumental, maquina y fragmentada del cuerpo en la disciplina de Educación Física en la escuela y en la fase de la adolescencia. Por el contrario, algunos informes de los sujetos mostraron signos de nuevas formas de ser y estar en el mundo, abriendo el camino a la reflexión del cuerpo basada en la corporalidad. Ante esta constatación del cuerpo para los alumnos, variando entre las percepciones basadas en el cuerpo-objeto y el cuerpo-sujeto, se argumenta que la corporeidad se presenta como una posibilidad en los procesos educativos, respetando la forma en que el ser humano aprende, siente, vive y actúa, relacionándose consigo mismo, con los demás, con el mundo y con su entorno.

Palabras clave: La educación. La corporeidad. Educación Física Escolar.

INTRODUÇÃO

Estudos realizados acerca de corpo têm buscado diferentes maneiras para compreendê-lo, dentre eles, há concepções pautadas em uma visão dicotômica e cartesiana, considerando o corpo separado da mente. Essa questão tem sido problematizada em diferentes áreas, inclusive, no âmbito educacional. Alguns pesquisadores são categóricos em apontar que na escola ainda impera a visão dual de corpo, local em que as práticas educativas mediam o processo de ensino aprendizagem dos estudantes e deveriam possibilitar uma formação vislumbrando a totalidade humana, num

corpo múltiplo que não deve ser fragmentado, mas, ao contrário, compreendido como uno e indivisível.

Ainda quanto a questão educacional, pode-se tomar como premissa o que Rezende (1990, p. 70) reconhece quanto à Educação devendo esta ser “entendida como atividade ou como práxis educativa [...] somente esta compreensão permitirá o acesso dos sujeitos da educação à condição de sujeitos da cultura pela apropriação do sentido da existência”. Essa realidade, segundo Inforsato (2006), se dá por meio da relação entre educandos e educadores, constituindo-se por meio da experiência vivida de corpo inteiro. Aí se nota intrínseco o diálogo estabelecido entre educação e corpo, possibilitando o desenvolvimento do ser humano.

Para Monteiro (2009) e Moreira *et al.* (2006), na educação, o corpo é alvo de discussão em diferentes concepções, entretanto destaca-se um olhar pela abordagem da corporeidade, que busca superar interpretações cartesianas³ que vislumbram o corpo enquanto máquina ou mero objeto.

Este estudo se apresenta como um recorte de uma dissertação de mestrado⁴ que buscou compreender as percepções de corpo de estudantes do Ensino Médio em uma instituição educacional privada em Santarém-PA e sua relação com a abordagem da corporeidade nas aulas de Educação Física no contexto educacional amazônico.

Assim, este escrito considera necessário refletir o entrelaçamento entre corporeidade, educação e a Educação Física escolar. Nesse sentido, o corpo deve ser abordado e discutido nas práticas educativas para além de sua instrumentalização, sendo esta, ainda presente nos processos de aprendizagem, como no contexto escolar. Enfim, advoga-se neste escrito, por discussões pautadas em um ser humano sensível, em uma educação de corpo inteiro, requerendo o conhecimento da corporeidade.

³ É um pensamento estabelecido por Descartes presente em suas obras: o “Discurso do Método” (1637) e “Meditações Metafísicas” (1641), em que se expressa a preocupação com o problema do conhecimento do ser humano como um todo, ressaltando características excessivamente racionais, sistemáticas e metódicas.

⁴ Do programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) na linha de pesquisa 3: Formação Humana em contextos formais e não formais na Amazônia.

O artigo foi estruturado em cinco tópicos. No primeiro, é apresentado o referencial teórico acerca do fenômeno corporeidade e seu entrelaçamento com a educação; no segundo, a corporeidade e a Educação Física escolar no ensino médio; no terceiro, a metodologia; no quarto, os resultados e discussão dos dados obtidos e, no quinto, as considerações finais.

O FENÔMENO CORPOREIDADE E SEU ENTRELAÇAMENTO COM A EDUCAÇÃO

Partindo da ideia defendida por Merleau-Ponty (2018), toda a experiência vivenciada que ocorre no mundo da vida é corporal. Este corpo não é aquele projetado pela ciência ou nas relações de estímulo e resposta, mas, é um corpo animado por relações imaginárias com o mundo. Surdi e Kunz (2009) explicam que o corpo é a natureza e a própria cultura, pois oportuniza ao homem viver, criar e desvendar o mundo. Essa percepção original de mundo se dá por meio da corporeidade.

No entendimento de Nóbrega (2010) a corporeidade está imersa no campo da experiência e da reflexão, a partir da qual se desdobram possibilidades epistemológicas, éticas, estéticas, sociais e históricas. Não se pode reduzi-la a um fenômeno categorizado e simplificado, mas permitir diferentes olhares, aproximações e abordagens, sempre primando pelo diálogo e comunicação entre os elementos que configuram esse universo multifacetado.

O fenômeno corporeidade possui forte relação com o conhecimento e a educação, em que os conceitos, palavras e pensamentos podem manifestar-se, por meio dos gestos, considerados produções da corporeidade. O seu universo é poliformo, paradoxal, incerto, desafiador e poético, possibilitado pelo gesto, pela estesia do corpo e pelo conhecimento sensível. É um universo de imagens, cores, formas, sons, movimentos, comunicação e expressão que embaralham o pensamento e as ideias que querem racionalizá-lo (NÓBREGA, 2010).

Em termos rigorosamente filosóficos, Nóbrega (2010) segue afirmando que por meio da corporeidade, se reaprende a ver o mundo na arte e na cultura em geral, enxergando possibilidades inusitadas desta consciência.

Assim, a corporeidade convive com diversos corpos existencializados, pela unidade na pluralidade de formas, tornando o corpo condição de vida, de existência, de conhecimento.

Martins (2015) defende que pensar o corpo na educação e na escola implica entender que ele não é um mero instrumento de as práticas educativas concernente às produções humanas como ler, escrever, contar, narrar, brincar e jogar, mas, constatar que elas só são possíveis pelo fato de sermos corpo.

Isto explica o que o referido autor acredita quando afirma que dentro da aprendizagem formal, a educação do corpo deve pautar-se na concepção do ser humano que pensa, age e sente, realizando-se e construindo-se na experiência vivenciada, emergindo dela a própria cognição e a percepção do movimento. Porém, alerta que o entendimento de corpo ainda é multifacetado e fragmentado em corpo-mídia, corpo-estético, corpo-manequim, corpo-instrumento, corpo-máquina, produto ou mercadoria.

Deste modo, ao advogar pela corporeidade, aponta-se para uma reflexão educacional mais humana que respeite a aprendizagem dos seres de corpo inteiro. Na corporeidade, em Moreira, Chaves e Simoes (2017, p. 207), defende-se por:

[...] uma aprendizagem humana e humanizante, em que, em sua complexidade estrutural, o ser humano passa a ser considerado, a um só tempo, totalmente antropológico, psicológico e biológico. O corpo do homem não é um simples corpo, mas corporeidade humana, só compreensível por intermédio de sua integração na estrutura social.

O diálogo na temática da corporeidade auxilia na compreensão do ser humano como própria expressão de existência no mundo. O indivíduo necessita reconhecer-se como ser vivente, relacionando-se a todo o momento com seu entorno. A respeito, Gualberto (2017, p. 26) explica ser por meio da gestualidade que o ser humano se expressa em seus pensamentos, anseios, “conhecimentos, sorrisos, vontades, sonhos, que é capaz de sentir dor, alegria, tristeza, carinho e afeto, tudo ao mesmo tempo”.

Couto (2008) destaca ainda que a corporeidade nutre o caráter do movimento com originalidade, algo único em sua manifestação e desprende-se de uma ideia de um movimento repetitivo, mero reprodutor de ações corporais mecanizadas. O autor versa que os movimentos realizados pelo corpo humano devem ser intencionais, carregados da união entre a sensibilidade e a inteligibilidade, promovendo a comunicação com outros corpos e com o meio, em busca de significados e sentidos, pois a autossuperação é o que visa este corpo.

Por isso, conforme mencionado anteriormente, o âmbito educacional é um ambiente que necessita refletir o corpo e as manifestações da corporeidade. Entretanto, Rios e Moreira (2015, p. 50) lembram que ainda se nota:

[...] claramente uma educação na qual há uma visão de corpo disciplinado, em que as práticas se limitam ao movimento em busca da disciplina. Esquecemos de que o ambiente escolar deve proporcionar liberdade de movimentos e incentivar a expressividade do corpo, uma vez que o aluno, ao se expressar, consegue expor melhor seus sentimentos, suas emoções e conseqüentemente, se tornar mais crítico e atuante.

Assim, percebe-se que muitas instituições de ensino têm promovido uma educação centralizada apenas nos conteúdos, com ações de ensino direcionadas para serem aprendidos e apreendidos somente pela mente dos estudantes, como se o corpo não fosse necessário. A corporeidade defendida por Moreira (2019), preocupa-se com uma aprendizagem de corpo inteiro, na qual os conhecimentos oriundos do inteligível e da sensibilidade passam a constituir o todo.

Essa maneira de educação e de ensinar pautado em uma educação bancária, como discorreu Freire (1987), envolve apenas o ato de depositar o conhecimento, sendo este em sentido estático. Ao contrário de uma educação instrumentalizada, discute-se a urgência e necessidade de um ensino debruçado sobre saberes compartilhados, contextualizados, críticos, flexíveis, de abertura ao caráter participativo e que promova o desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem dos estudantes.

Além disso, os escolares precisam buscar constante autonomia e emancipação, provenientes do fomento à criticidade dos sujeitos no processo escolar.

Portanto, advogar a respeito do fenômeno corpo e corporeidade na Educação, é possibilitar aos docentes empreenderem mudanças significativas nas práticas pedagógicas, caminhando para o alcance da educação integral de seu educandário. Além disso, refletir o fenômeno corporeidade permitirá considerar os estudantes do Ensino Médio como cidadãos e futuros formadores de opinião na sociedade por meio da compreensão que possuem a respeito de corpo.

CORPOREIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR VIVENCIADA NA FASE DO ENSINO MÉDIO

O ser humano é dotado de autonomia de pensamentos, exprimindo opinião a respeito das situações adversas que acontecem na sociedade e na sua vida. Moreira, Simões e Martins (2021), asseveram que se o ser humano tiver a oportunidade de se expressar, questionar, discutir e debater, terá condições “de não ser alienado, política e socialmente, portador de informações irreais ou facciosas. O ensino médio, como parte da educação básica do cidadão, não pode se eximir dessas responsabilidades” (p. 18).

Diante do exposto, urge a necessidade de abrir espaço no âmbito escolar para a discussão do fenômeno corporeidade, envolvendo os adolescentes que se encontram nesta etapa de ensino. Moreira, Simões e Martins (2021, p. 24) asseguram que buscar compreender como eles percebem o corpo promoverá a reflexão envolvendo “[...] o entendimento de um corpo que pensa, que se relaciona com outros corpos, que sustenta projetos individuais e coletivos, que tem sonhos, sentimentos, razão, e que busca a vivência concreta da cidadania”.

Nista-Piccolo e Moreira (2012) concordam com Ferreira, Rufino e Darido (2017) quando defendem que é preciso motivar as reflexões acerca de corpo e corporeidade desde a formação básica dando voz aos alunos que se encontram no Ensino Médio a partir de seus relatos e experiências e provenientes dos conhecimentos adquiridos nas aulas de Educação Física.

Nas aulas de Educação Física, deve-se possibilitar a participação de todos, independentemente de sua cor, raça, crença, sexo, etnia, religião, orientação, gênero, capacidades e habilidades motoras, entre outras. Ou seja, as práticas corporais, devem ser aprendidas em todas as dimensões, social, cultural e educacional.

Segundo Couto (2008) a Educação Física escolar proporciona aos estudantes vivências corporais distintas por meio das atividades como jogos, esportes, danças, ginásticas e lutas. Para Amorim (2016), vivenciá-las abre um leque de possibilidades às práticas corporais inerentes da disciplina de Educação Física, das quais emergem as manifestações da corporeidade.

Seguindo nesta perspectiva, a Educação Física quando representada pelos seus produtores de conhecimento, sendo eles os professores pesquisadores, professores universitários ou professores da Educação Básica, precisa incorporar o sentido e a atitude de corpo, refletindo no fenômeno corporeidade aqui apresentado.

Como lembram Moreira, Chaves e Simoes (2017, p. 210), somente assim poderá:

[...] desencadear o desenvolvimento de uma educação física escolar em que o ser humano seja respeitado na aquisição dos conhecimentos relacionados com o esporte, com os movimentos gímnicos, com as lutas, enfim, com a própria tradição da área e, ao mesmo tempo, propiciar atendimento e uma prática generalizados do exercício físico sistematizado que, em primeiro lugar, esteja comprometido em desenvolver o humano no homem.

Logo, investigar essa temática no Ensino Médio, segundo Moreira, Simões e Martins (2021), é possibilitar uma formação educacional digna e humana aos seus discentes. Uma formação para além dos conteúdos próprios da Educação Física escolar, que busque o desenvolvimento de uma postura crítica e autônoma aos seus educandos diante dos embates da vida, promovendo uma conduta emancipatória ao exercício da cidadania.

METODOLOGIA

Este estudo é de caráter descritivo e qualitativo. Teve o cuidado com a seleção adequada de procedimentos e instrumentos. Em pesquisas desta natureza, Ludke e André (2018) e Alves-Mazzotti (2000) concordam que cabe

ao pesquisador buscar ser competente para contribuir na construção do conhecimento e/ou mudanças de práticas correntes dos estudos ditos qualitativos, os quais usam uma grande variedade de procedimentos e instrumentos para a coleta de seus dados.

Como instrumento para produção dos dados, foi utilizada a entrevista, esta, representa um dos instrumentos básicos para a produção de dados nas pesquisas. Ludke e André (2018) e Duarte (2004) mencionam que a grande vantagem é a captação imediata e corrente da informação que se deseja, ocorrendo sempre um compartilhamento, pois, ao mesmo tempo em que o pesquisador levanta as informações, ele permite ao seu interlocutor a possibilidade de fazer a reflexão sobre si mesmo podendo ser aplicada através de técnicas projetivas, em que o entrevistado discorre sobre o tema apresentado baseado nas informações que ele possui.

A técnica de análise dos dados utilizada neste escrito para o entendimento do fenômeno corpo e corporeidade ocorreu por meio da “Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado”, proposta por Moreira, Simões e Porto (2005). Essa técnica pode ser utilizada com rigor nas pesquisas de perspectiva qualitativa, com radicalidade e de maneira contextualizada, pois visa compreender e interpretar os relatos dos sujeitos das pesquisas, os quais expressam ideias sobre determinado assunto, engendrada de sentidos, significados e valores.

Assim, o material empírico do estudo foi produzido por meio de uma entrevista com dois estudantes, os quais representaram 5% da amostra total da dissertação. Estes participantes eram alunos de uma escola de cunho privado que oferecia o Ensino Médio regular⁵.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: CORPO/CORPOREIDADE DE ADOLESCENTES NO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PRIVADA EM SANTARÉM-PA

A seguir serão apresentados os resultados obtidos após análise da produção dos dados a partir da entrevista com dois alunos, sendo estes,

⁵ O ensino médio regular é contínuo e envolve o ensino das linguagens, matemática, ciências da natureza e humanas, considerados essenciais para a formação do aluno, este difere, por exemplo, do ensino técnico, o qual visa uma formação juntamente ao ensino médio e o foco do estudante está na aprendizagem de uma profissão.

estudantes do Ensino Médio de uma escola privada localizada na zona urbana de Santarém-PA.

Para melhor compreensão e discussão, houve três momentos de análises relacionados as três perguntas geradoras que nortearam a entrevista. Para preservar a identidade dos participantes, foram usados nomes fictícios, como uma espécie de código para a identificação dos estudantes.

A pergunta inicial realizada para cada estudante entrevistado foi “O que é corpo para você?”. Para que fosse possível analisar os dados, bem como o método ao qual foi proposto neste estudo, foi elaborado o quadro a seguir que diz respeito as unidades de significado construídas a partir deste primeiro questionamento (QUADRO 1).

QUADRO 1 – Unidades de Significado de “O que é corpo para você?”.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	PARTICIPANTES		TOTAL%	
	E1	E2		
Constituição Física/Estabilizador/Base forte	X	X	2	100%
Aparência	X		1	50%
Órgãos/Músculos	X	X	2	100%

Fonte: os autores (2022).

Dessa forma, o quadro 1 apresenta três unidades de significado. As unidades que apresentaram convergência foram denominadas de “Constituição Física/Estabilizador/Base forte” e “Órgãos/Músculos”, aparecendo com percentual de 100% nas falas dos dois estudantes em relação ao significado de corpo.

A unidade “Constituição Física/Estabilizador/Base forte”, remete ao entendimento de corpo como estrutura física, algo palpável, material e visível. Pode-se observar isso no discurso de E1: “Pra mim, corpo é, [...] a nossa própria constituição física de modo geral, envolvendo a questão do músculo, a própria questão mente também [...]”, no relato de E2: “O corpo para mim é como um estabilizador ou uma base forte. Assim, ele protege a nossa parte mais sensível, a que está dentro dele que são os órgãos humanos fundamentais para a existência da vida”.

Os discursos apresentam percepções instrumentais de corpo, apontando para uma visão fragmentada entre o que é corpo e mente na fala de E1 e, em E2 é perceptível que o corpo é uma estrutura que serve para

estabilizar e proteger o que existe dentro dele. Nota-se indícios da presença de uma percepção de corpo-objeto no discurso de ambos estudantes.

Esse modelo de corpo-objeto voltado para uma percepção instrumental, segundo Merleau-Ponty (2018) só admite relações exteriores e mecânicas de corpo. Isso reforça o que Santos (2019) afirma ao mencionar uma visão de indivíduo que ainda o divide em partes completamente separadas, sendo uma delas a distinção entre mente e corpo.

No caso de E1 ao citar o músculo, nota-se questões ligadas ao corpo físico, e ao mencionar mente, percebe-se um aspecto voltado à inteligência. No caso de E2 destaca-se a seguinte fala: “[...] todos sentimos quando precisamos de uma pausa no dia para fazer um descanso mental ou físico, para repor as energias e limpar a mente”. Tal compressão pode ser considerada dualista e remete ao entendimento de corpo máquina em que sua presença é útil apenas para seguir comandos (FOUCAULT, 2014).

É cabível destacar quando E2 afirma que o corpo é uma base forte que protege a parte mais sensível, os órgãos, que não se propõe a diminuir ou excluir a importância do corpo. Sua abordagem apresenta pontos de reflexão, revelando que o corpo é fundamental para manter a existência da vida:

Dessa forma, de fato, consegue reagir a um ataque súbito, a um susto e até uma ação rápida para se defender, pois o nosso próprio corpo sabe como reagir em momentos que para ele necessitam de uma intervenção direta [...] O corpo avisa os seus limites para se manter em segurança. Eu tentei explicar como uma estrutura que carrega meus ossos e me sustenta, só que é uma coisa mais profunda, que nos protege (E2).

Essa afirmação, expressada na fala do estudante, pode ser refletida em Nóbrega (2010) a qual esclarece que para o ser humano viver e existir é necessário um corpo que lhe ofereça condições para isso. Percebe-se também no discurso de E2 que para o ser humano sobreviver, depende diretamente da sua perspicácia ao ser rápido nas reações corporais. Para Gonçalves (2012), ao prever e calcular os efeitos de suas ações e reações, o corpo dá sinais de sua sabedoria, sabendo movimentar-se intencionalmente

em um dado espaço, estabelecendo um campo de presença, sendo tal concepção amparada pelo discurso da corporeidade.

Assim, esta reflexão corrobora com os dizeres de Gallo (2006, p. 28) quando escreve:

Penso [...] o conceito de corpo ativo [...] como uma espécie de cuidado consigo mesmo, uma ação sobre si mesmo que nos faça a um só tempo mais saudáveis e mais conscientes de nossas possibilidades, de nossos entornos, de nossos limites.

Na unidade “Órgãos/Músculos”, o corpo refere-se ao aspecto biológico, evidenciando o pensamento cartesiano no discurso de E1 no qual o músculo está ligado à constituição física e em E2 os órgãos estão localizados na parte interna do corpo.

Moreira *et al.* (2006) lembra via corpo ativo/corporeidade, das consequências do pensamento cartesiano, o qual estruturou a separação dos fatores psíquicos e dos fatores fisiológicos como se fossem objetos de estudo de ciências diferentes. Tal entendimento aponta “para o não entendimento e a não-incorporação até o momento do conceito de corporeidade” (MOREIRA *et al.*, 2006, p. 140).

Ao restringir a noção de corpo em uma visão puramente biológica, apoiados na análise de Gordo, Bentes e Alameida (2018), estes alunos revelam em seus relatos a ênfase dada apenas às divisões anatômicas. Isso pode ser resultado da maneira como a disciplina, por exemplo, de Educação Física, vêm desenvolvendo em seus conteúdos na escola a produção de conhecimento acerca de corpo. Assim, os autores chamam a atenção para:

[...] a predominância de uma vertente biológica, que aborda o corpo em uma perspectiva mecanicista, não contemplando o ser humano de forma integral, nem os vários sentidos, signos e significados do corpo em diferentes contextos e culturas (GORDO; BENTES; ALAMEIDA, 2018, p. 34).

Em Gonçalves (2012) esse é um problema que se perpetua historicamente, afetando a relação do homem contemporâneo com sua corporeidade. A autora versa acerca do corpo não se reduzir apenas ao

aspecto biológico que envolve os músculos, órgãos e tendões, concordando com Merleau-Ponty (2018), Nóbrega (2010) e Moreira *et al.* (2006), os quais defendem ser muito mais que isso, o corpo é unidade, revelado na experiência originária da percepção.

A percepção de corpo enquanto “aparência” é detectado na fala de E1:

[...] é o modo como você se mostra aos outros, porque querendo ou não o corpo é a primeira impressão que a gente deixa para as outras pessoas, a não ser que você não se mostre. Mas a primeira coisa que você vê numa pessoa é a aparência dela, você julga a pessoa pela aparência. A pessoa não pode dizer que não julga, porque julga. É uma questão humana ser muito difícil não julgar [...] (E1).

Nota-se um discurso voltado para o sentido de uma beleza padronizada de corpo ao se mostrarem aos outros que estão ao seu entorno. O ser humano sendo julgado pelo que se vê no exterior de seu corpo pode determinar um certo afastamento/repulsa ou aproximação diante de outra pessoa, ditado pelas suas características corporais. Este aspecto do relato corrobora com a ideia de corpo nesta sociedade que dissemina uma boniteza estabelecida, única, padrão, moldada, devendo ser igual para todos, distanciando-se de um corpo ativo, pois há um hipercontrole do corpo no aspecto estético, físico e maquínico (GALLO, 2006). A exibição do corpo relaciona-se ao campo visual, em que se tem um corpo preocupado com a imagem idealizada pela juventude, refletindo a percepção de vida social e as relações humanas de uma forma geral (NÓBREGA, 2010).

Assim, foram encontradas na análise das três unidades originadas da pergunta “O que é corpo para você?”, divergências em relação ao sentido de corpo defendido pela corporeidade. Os estudantes vislumbram um conceito de corpo fragmentado retomando a dicotomia entre corpo e mente, de corpo apenas biológico e que se apresenta aos outros para ditar padrões de imagens construídas visualmente entre os adolescentes.

O significado convergente com o discurso da corporeidade encontrado na resposta proveniente da primeira pergunta foi atribuído ao corpo que sabe reagir em momentos que necessitam de sua intervenção

para garantir a sobrevivência. Essa compreensão dá indícios de um corpo que age neste mundo intencionalmente, sendo possível somente pelo fato de ser corpo ativo/corporeidade.

O quadro 2 destaca as unidades de significado para a segunda pergunta “Como você percebe seu corpo nas aulas de Educação Física?”. Assim, foram colocadas as unidades considerando o teor da entrevista, procurando extrair a percepção de corpo atribuída às vivências dos alunos a partir das aulas de Educação Física no ambiente escolar.

QUADRO 2 – Unidades de Significado de “Como você percebe seu corpo nas aulas de Educação Física?”.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	PARTICIPANTES		TOTAL%	
	E1	E2		
Motiva a fazer atividade física/Corpo agitado	X	X	2	100%
Percebo pelas vivências	X		1	50%
Própria consciência do meu corpo	X		1	50%
Saber seus limites	X	X	2	100%
Cansado	X	X	2	100%

Fonte: os autores (2022).

Os dados do quadro 2 apresentam maior convergência nas unidades “Motiva a fazer atividade física/Corpo agitado”, “Saber seus limites” e “Cansado”, representando 100% dos entrevistados.

Na unidade “Motiva a fazer atividade física/Corpo agitado”, a disciplina de Educação Física Escolar é compreendida pelos estudantes como aquela que movimenta o corpo, exemplo disso, se evidencia no seguinte relato: “a Educação Física, pelo menos ao meu ver, ajuda um pouco a questão, porque além de motivar o aluno a fazer atividade física ela ajuda ele a praticar o corpo” (E1). O outro estudante complementa argumentando “nesse cenário sinto meu corpo agitado como adrenalina dos jogos, o que é divertido” (E2).

Acerca disso, vale ressaltar o sentido de corpo na Educação Física Escolar apresentado nesta unidade, em que o estudante adquire conhecimentos ligados ao esporte, aos movimentos provenientes dos exercícios físicos estimulados no decorrer das aulas, propiciando o entendimento de que praticar o corpo resulta em um compromisso de desenvolver o humano no homem (MOREIRA; CHAVES; SIMÕES, 2017).

Complementando à discussão anterior, nas unidades “Percebo pelas vivências” e “Própria consciência do meu corpo”, destaca-se a seguinte fala:

Na questão de como eu percebo meu corpo, é uma maneira de sentir o corpo, eu percebo meu corpo pela minha própria vivência, por exemplo, eu tenho uma própria consciência do meu corpo, eu sei como ele é, eu posso não saber todos os cantos dele por dentro, mas por fora eu acredito que conheço sim (E1).

A partir deste relato, ao perceber o corpo pelas vivências, o ser humano revela-se dotado de sensibilidade e motricidade fundamentais para o entendimento deste corpo (MERLEAU-PONTY, 2018). A importância desse relato converge com o discurso da corporeidade, realçada por Assmann (1995) e associada às pesquisas em educação para ofertar novos olhares sobre o corpo:

A corporeidade, e seu vetor historicizante ao nível bio-psico-energético, e a motricidade, constituem a instância básica de critérios para qualquer discurso pertinente sobre o sujeito e a consciência histórica. [...] A ideia central é a seguinte: a corporeidade não é fonte complementar de critérios educacionais, mas seu foco irradiante primeiro e principal. Sem uma filosofia do corpo, que pervada tudo na educação, qualquer teoria da mente, da inteligência, do ser humano global enfim, é, de entrada, falaciosa (ASSMANN, 1995, p. 106-107).

Nesse cenário, o discurso de E1 dá indícios de buscar a superação da imposição da racionalidade sobre o modo de sentir e pensar o próprio corpo que pertence a uma filosofia da consciência e do objetivismo científico. Perspectivando um corpo ativo, o relato do estudante contempla o ideal da integralidade das dimensões materiais e imateriais provenientes das próprias vivências em seu percurso existencial.

Na unidade “Saber seus limites”, o corpo é percebido mediante a um desconforto sentido durante as aulas de Educação Física. Isso é perceptível na seguinte fala: “No entanto, acredito que sinto mais meu corpo quando não estou bem. É mais fácil sentir o corpo quando a gente não tá bem, saber nossos limites” (E2). Em E1 também se nota que a Educação Física ajuda a saber seus limites e em que pontos o estudante é bom ou ruim.

De acordo com essa unidade, a necessidade do ser humano saber seus limites converge com a ideia de corpo ativo que cuida de si mesmo, em uma

ação que o torne mais consciente de suas insuficiências, refletindo uma atitude ética para consigo próprio resistindo ao narcisismo sem medidas (GALLO, 2006).

Nos relatos que fazem parte da unidade “Cansado”, 100% dos entrevistados apontam para uma característica que pode estar relacionada a degradação do organismo humano ao ser exposto a períodos longos de inatividade. Ao ficar parado, sedentário, o corpo pode se degenerar acarretando em doenças e sentimentos que podem envolver até a tristeza, para evitar tais problemáticas é necessário a locomoção que exige esforço (MOREIRA; CHAVES; SIMÕES, 2017). Observa-se tal apontamento por meio da fala de E2 ao dizer: “Acredito que seja mais fácil notar a diferença de um corpo cansado e necessitado de uma pausa para recarregar as energias a de um corpo bem disposto a praticar exercícios”.

No relato de E1 observa-se o seguinte argumento: “[...] ele cansa quando ele corre [...]”. Tal afirmação dá indícios de que a Educação Física escolar proporciona apenas a corrida, sendo que ela deveria ser discutida e pensada para além do aspecto motor (COUTO, 2008).

É preciso que os estudantes sintam e vivam a riqueza existente em seus corpos, um aspecto da corporeidade, refletindo a autonomia para se locomoverem para além do ato de correr, em que as mãos e pés buscam expressar para fora aquilo que havia sido esboçado por dentro, envolvendo um trabalho conjunto pela totalidade do corpo que é capaz de se desenvolver em suas capacidades físicas condicionantes e coordenativas e, pelo aperfeiçoamento das habilidades motoras (MOREIRA; CHAVES; SIMÕES, 2017; NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012).

Outra questão que pode relacionar-se ao cansaço foi o atual cenário causado pela covid-19. Muitos alunos pararam de fazer Educação Física na pandemia, e isso pode ser evidenciado em E1: “Ah sim, antes da pandemia, eu frequentava as aulas presencialmente é claro e, assim, eu praticava de verdade. Agora, desde a pandemia eu não tenho praticado quase nada [...]”. Esta fala do entrevistado demonstrou indícios de que os educandos durante a pandemia tiveram pouco interesse em se movimentarem.

Deste modo, é possível inferir convergências com a perspectiva do fenômeno corporeidade e a percepção de corpo nas aulas de Educação Física escolar visto na percepção de sentir o corpo e percebê-lo pelas vivências. O corpo é capaz de saber seus limites quando está cansado. Tais percepções possibilitam interpretar o corpo na Educação Física escolar que deve considerar os sentidos do corpo-sujeito.

Nas significações divergentes, o próprio cansaço retratou o corpo como objeto que precisa de uma pausa para recarregar suas energias, demonstrando alguns ideais reducionistas e incompatíveis com a corporeidade, em que a Educação Física seria uma disciplina na escola que subjuga os corpos dos estudantes, levando-os à extrema exaustão física, proveniente dos treinos, atrelada à prática esportiva com um fim em si mesma, em um sentido mecânico de repetições que visam apenas a perfeição da técnica.

As unidades apresentadas a seguir no quadro 3 se relacionam a terceira pergunta “Como você compreende seu corpo na adolescência?”. Obteve-se as seguintes unidades de significado.

QUADRO 3 – Unidades de Significado de “Como você compreende seu corpo na adolescência?”.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	PARTICIPANTES	E1	E2	TOTAL%
Aparência	X		1	50%
Sofre mudanças	X		1	50%
Vergonha	X		1	50%
Vontade de melhorar	X		1	50%
É difícil compreender o corpo	X	X	2	100%
Puberdade		X	1	50%

Fonte: os autores (2022).

A percepção de corpo neste momento da vida dos escolares que abarca a fase do Ensino Médio, apresentou 100% de convergência na unidade - É difícil compreender o corpo. Os dois alunos entrevistados concordam que explicar o corpo na fase da adolescência é uma tarefa difícil. São observadas as seguintes afirmações: “Compreender o corpo é bem difícil,

na verdade eu não acho que compreendo meu corpo, mas aprendo a lidar” (E2); “Assim, corpo é uma questão difícil” (E1). Nestes relatos, pode-se constatar a complexidade presente no corpo dando indícios de dificuldade e incerteza, sendo necessário maior incentivo entre os estudantes ao ato de perceberem-se, e, menor, ao sentido de explicarem ou definirem postulados já propostos no decorrer da história acerca do corpo (MOREIRA *et al.*, 2006).

As outras cinco unidades apresentadas no quadro 3, apareceram nos relatos individuais dos estudantes. Deste modo, as unidades “Aparência”, “Sofre mudanças”, “Vontade de melhorar” e “Vergonha” se complementam, conforme percebido na seguinte exposição:

[...] a voz começa a mudar, a barba, é uma fase que temos dificuldade de perguntar, porque é meio vergonhoso, e às vezes, a gente aprende da pior forma possível, pela internet, ou com pessoas que não sabem também, e isso acaba fazendo a gente aprender errado. Mas é uma questão difícil porque o corpo do adolescente na adolescência muda muito, e as pessoas começam a envolver outras áreas da vida que elas não tinham consciência antes, e assim, eu na minha adolescência eu me sinto bem com o meu corpo. Eu vejo alguns defeitos nele, só que só eu sou capaz de apontar meus defeitos, tenho vontade de melhorar? tenho, só que eu tenho a necessidade mesmo de fazer isso? Não. Eu me sinto bem com o meu corpo físico (E1).

No discurso do E1 o corpo na adolescência relaciona-se as mudanças que ocorrem nesta fase da vida, sendo transformações que aparentemente são consideradas pelo estudante como vergonhosas, como a alteração da voz e o aparecimento de barba. Isso desencadeia a dificuldade que ele tem em perguntar e tirar dúvidas por meio do diálogo com outras pessoas a respeito das modificações que ocorrem em seu corpo, levando-o a buscar na internet respostas para suas indagações, as quais podem influenciar negativamente seu aprendizado acerca dessas mudanças. Outro aspecto destacado por E1 está relacionado aos defeitos em seu corpo, referindo-se a sua aparência, respondendo de maneira um pouco confusa, pois ao mesmo tempo deseja melhorar o que ele entende por defeitos. Ao relatar isso, o estudante reflete criticamente sobre si mesmo e percebe que não tem essa necessidade e conclui que se sente bem com o próprio corpo.

Destaca-se na narrativa do estudante que a internet presente em seu cotidiano desencadeia o fenômeno da virtualização, tornando-se relevante refletir a respeito dessa questão, pois as redes digitais podem influenciar em atitudes de aceitação ou rejeição dos próprios corpos desses adolescentes. No cenário atual, a parceria com a tecnologia é importante, mas o conhecimento do ser humano em sua totalidade precisa entender as limitações do ambiente virtual no tocante ao estatuto de corpo na contemporaneidade. Deste modo, por meio do uso de sofisticados recursos tecnológicos a percepção de corpo pode sofrer mutilações e as divulgações de imagens e modelos de corpos produzem no ser humano um desejo de adaptação corporal à moda do momento, proveniente muitas vezes de cirurgias e procedimentos estéticos (NÓBREGA, 2010).

A unidade “Puberdade”, complementa-se à discussão anterior. Assim, apresenta-se o seguinte relato:

Creio que com todas as pessoas é assim, não temos como responder todas as perguntas que sobem a mente, impedir os sentimentos da puberdade ou alguns lapsos de momentos de ações que depois a gente até se culpa. Contudo, posso aprender a lidar com cada um a partir do momento que tento me entender e buscar falar com alguém, como tenho uma boa relação com minha mãe. Então, quando estou encucada com algo vou e peço uma opinião dela e mesmo que ela não saiba responder, uma conversa sempre é legal para expor seus sentimentos e pensamentos (E2).

Averiguando o discurso acima, nota-se a diferença do relato de E1 a respeito das dúvidas que surgem nesse momento da vida levando-o a procurar respostas na internet, em relação a E2, que conversa com sua mãe. Percebe-se no relato do segundo estudante que existe a possibilidade de buscar apoio em alguém no qual se possa expor os sentimentos e pensamentos que surgem na puberdade.

Na visão de Gonçalves (2012) o corpo precisa estar aberto ao mundo e ao mesmo tempo vivenciá-lo na intimidade do “Eu”, existindo uma forma de comunicação que se estabelece por meio do contato corporal não sendo explicável por processos racionais. Assim, o desenvolvimento de um homem

sensível pauta-se em uma aprendizagem consigo mesmo, com o outro e com aquilo que está ao seu redor (MERLEAU-PONTY, 2018).

As convergências com a corporeidade encontradas na terceira pergunta relacionada ao corpo e a fase da adolescência, realizada com os estudantes, indicam à percepção de corpo como possibilidade de reconhecerem a si mesmo e aos outros, além disso, a dificuldade em descrever o corpo evoca a dimensão da complexidade existente em cada ser humano, não bastando descrevê-lo, mas sendo preciso percebê-lo e senti-lo.

As perspectivas divergentes da corporeidade apareceram na preocupação do corpo com a aparência que gera vergonha em a pessoa ser quem realmente é, desejando mudar fisicamente seu corpo para se ajustar às imposições de uma sociedade hipermoderna, narcisista e que age sobre os corpos dos adolescentes que se encontram na fase do Ensino Médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar as percepções de corpo pelos alunos, a partir da apresentação dos resultados provenientes das unidades de significado que emergiram neste estudo, constatou-se que a compreensão de corpo entre os sujeitos pesquisados variam entre uma percepção baseada em um ser ativo, que se relaciona consigo, com os outros e seu entorno, e o entendimento voltado para o modelo cartesiano que transforma o ser humano em corpo-objeto, imbricado em uma visão reducionista de corpo entendido por suas funções apenas biológicas, constituindo-se em um espetáculo estético e maquínico em que se admira a perfeição e a beleza impostas pela aparência física.

Consoante a análise realizada, notou-se que os estudantes percebem o corpo como uma estrutura que serve para estabilizar e proteger os órgãos que existem dentro dele. Esta compreensão é considerada dualista, concebendo o corpo como máquina, útil para realização de tarefas e comandos. A perspectiva mecanicista está arrolada a uma noção de corpo instrumental e fragmentado, em uma vertente puramente biológica,

considerada um desafio a ser superado historicamente na sociedade, pois impacta a relação do ser humano com sua corporeidade.

Todavia, os estudantes relataram, também, que o corpo é fundamental para a existência do ser humano. Nesse sentido, se deparou com a percepção de corpo dotado de sabedoria, sabendo movimentar-se intencionalmente para sua sobrevivência, perspicaz quando é rápido em suas reações. Neste entendimento de corpo, abre-se um horizonte para a corporeidade.

Quanto às percepções atribuídas ao corpo nas aulas de Educação Física escolar, encaminham-se para uma corporeidade vivida que busca a complexidade do ser percebido pelas suas vivências, intencionalidades, potenciais e limitações, sendo tal constatação defendida pela corporeidade. Para tal, verificou-se que esta disciplina é compreendida pelos estudantes como aquela que movimenta o corpo. Além disso, ao perceber o corpo pelas vivências, o ser humano se revela dotado de sensibilidade e motricidade, consideradas fundamentais para a corporeidade. Esse entendimento aponta para a superação da imposição da racionalidade sobre a maneira de sentir e pensar o próprio corpo. Assim, quando o ser humano sabe seus limites, esta ação resulta em uma atitude ética para consigo, contribuindo com a resistência ao narcisismo sem medidas, presente em nossa sociedade e no ambiente escolar.

Em contrapartida, quando se deparou com a ideia de um corpo cansado que se degenera pela inatividade e ausência de movimento nas aulas de Educação Física, notou-se um distanciamento do que é compreendido pelo fenômeno corporeidade, pois o cansaço retratado na fala dos estudantes acolheu o sentido de corpo como objeto, precisando recarregar as baterias. Desta forma, demonstrou alguns ideais reducionistas e incompatíveis com a corporeidade, em que a Educação Física escolar subjuga os corpos dos estudantes, levando-os à exaustão física, em treinos extremamente excessivos, na prática repetitiva dos esportes com um fim em si mesmo, reproduzido de forma mecânica e com a finalidade de alcançar a perfeição técnica dos movimentos.

Já diante do entendimento de corpo pelos escolares relacionados a fase da adolescência, constatou-se que está moldado e ditado pela cultura do consumo que manipula as novas gerações. Deparou-se com a influência que a mídia exerce sobre os adolescentes, impondo um padrão de corpo por meio da divulgação de imagens e modelos corporais provenientes de cirurgias e procedimentos estéticos. Assim, o corpo sofre forte influência do cartesianismo referente à imagem corporal e à beleza. Essa perspectiva de corpo que deseja mudar fisicamente ajustando-se a uma sociedade hipermoderna e narcisista, contribuiu para criar e difundir alguns estereótipos de corpo e imagem, distanciando da corporeidade, a qual busca a reflexão da necessidade de os estudantes sentirem e viverem a riqueza existente em seus corpos, da maneira como são constituídos em suas características particulares e singulares.

Como observado, as reflexões suscitadas no escopo deste artigo, imputaram um diálogo entre a corporeidade e a Educação Física escolar no Ensino Médio, mediando-se por meio de autores que discutem a temática. Advoga-se pela relevância deste estudo, pois se considera escasso pesquisas que dedicam atenção ao fenômeno corporeidade na educação, na Educação Física escolar na fase do Ensino Médio e em espaços de formação humana e acadêmica na região amazônica.

É imperioso que mais pesquisas debruçem seu olhar sobre a corporeidade na educação, ponderando um ensino de corpo inteiro que se distancie de uma dicotomia cartesiana de corpo, separando-o da mente, entendimento ainda presente no ambiente educacional. Portanto, estudos que se dediquem ao fenômeno corpo/corporeidade são considerados urgentes para o desenvolvimento de uma educação que respeite o humano no homem da Amazônia.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas. *In*: ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando (Orgs.). **O método**



nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira. 2º ed, 2000. p. 147-178.

AMORIM, Willian Campos. Educação Física e Corporeidade: educação do movimento ou educação pelo movimento? **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 21, n. 215, p. 1, abr. 2016. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd215/educacao-fisica-e-corporeidade.htm>. Acesso em: 28 ago. 2019.

ASSMANN, Hugo. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. 3. ed. Piracicaba: UNIMEP, 1995.

COUTO, Hergos Ritor Fróes de. **A criança e as manifestações lúdicas de rua e suas relações com a Educação Física Escolar**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-graduação em Educação Física, Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba-SP, 2008. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=104327. Acesso em 04 abr. 2020.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-40602004000200011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 04 abr. 2020.

FERREIRA, Aline Fernanda; RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. Perfil dos alunos do Ensino Médio e suas implicações para a Educação Física. In: DARIDO, Suraya Cristina (Org.). **Educação física no Ensino Médio: diagnóstico, princípios e práticas**. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2017. p. 71-90.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. v. 21, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALLO, Sílvio. Corpo ativo e filosofia. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org.). **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas: Papirus, 2006. p. 9 -30.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. 15. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

GORDO, Margarida do Espírito Santo Cunha; BENTES, Livia Maria Neves; ALAMEIDA, Raiana de Oliveira. Significações do corpo na escola de aplicação da UFPA. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 329-357, 2018. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/540>. Acesso em: 26 jul. 2022.

GUALBERTO, Madma Laine Colares. **A manifestação da corporeidade nas práticas pedagógicas dos professores de educação infantil em escolas públicas e privadas de Santarém-Pará**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Instituto de Ciências da Educação,

Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém-Pa, 2017. Disponível em: http://www.ufopa.edu.br/ppge/images/dissertacoes/turma_2015/madma_laine_colares_gualberto.pdf. Acesso em: 29 ago. 2019.

INFORSATO, Edson do Carmo. A educação entre o controle e a libertação do corpo. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org.). **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 91-108.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. Ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.

MARTINS, Ernesto Candeias. A corporeidade na aprendizagem escolar (Entrelaços fenomenológicos do pensar e agir). **Educar em Revista**, n. 56, p. 163-180, abr./jun. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602015000200163&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 29 ago. 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

MONTEIRO, Alessandra Andrea. **Corporeidade e Educação Física: histórias que não se contam na escola**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-98913/corporeidade-e-educacao-fisica--historias-que-nao-se-contam-na-escola>. Acesso em: 02 ago. 2019.

MOREIRA, Wagner Wey *et al.* Corporeidade Aprendente: a complexidade do aprender viver. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org.). **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas, SP: Papirus, 2006. p.137-154.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina; MARTINS, Ida Carneiro. **Aulas de Educação Física no Ensino Médio**. 1. ed. Campinas, SP: Papirus, 2021.

MOREIRA, Wagner Wey. Contribuições do jogo e do esporte para a corporeidade de crianças e adolescentes. **Revista @ambienteeducação**, v. 12, n. 1, p. 192-202, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/697>. Acesso em: 04 abr. 2020.

MOREIRA, Wagner Wey; CHAVES, Aline Dessupoio; SIMÕES, Regina Maria Rovigati. Corporeidade: uma base epistemológica para a ação da Educação Física. **Motrivivência**, v. 29, n. 50, p. 202-212, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n50p202>. Acesso em: 04 abr. 2020.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina; PORTO, Eline. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **Revista brasileira de ciência e movimento**, v. 13, n. 4, p. 107-114, 2005. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm/article/view/665>. Acesso em: 04 abr. 2020.



NISTA-PICCOLO, Vilma Lenj; MOREIRA, Wagner Wey. **Esporte para a vida no Ensino Médio**. São Paulo: Cortez, 2012.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

REZENDE, Antonio Muniz de. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1990.

RIOS, Fabíola Teixeira Araujo; MOREIRA, Wagner Wey. A importância do corpo no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Evidência**, v. 11, n. 11, p. 49-58, 2015.

SANTOS, José Carlos Dos. **A corporeidade criança vai à escola?** Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba-MG, 2019. Disponível em: <http://bdt.d.uftm.edu.br/handle/tede/683>. Acesso em: 04 abr. 2020.

SURDI, Aguinaldo César; KUNZ, Elenor. A Fenomenologia como Fundamentação para o Movimento Humano Significativo. **Movimento Revista de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, v. 15, n. 02, p. 187-210, abr./jun. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3054/5141>. Acesso em: 29 ago. 2019.

Recebido em: 01 de agosto de 2022.
Aprovado em: 30 de setembro de 2022.
Publicado em: 12 de janeiro de 2023.